

HUMBERTO WERNECK



Por trás dos clicks

Já contei aqui um par de histórias de um fotógrafo, grandíssima figura, com quem trabalhei em meus começos de carreira. Pois aqui vão mais duas do mesmo personagem, hoje convertido ao ramo da pasteleria.

Recém-chegado ao Paraguai para uma reportagem, ao preencher ficha no hotel lhe pediram nome e sobrenome – em espanhol, naturalmente, língua que ele não traçava:

– ¿Nombre?

– Emílio.

– ¿Apellido?

– Wakamoto.

Era assim que o chamávamos na redação, por causa de um xarope homô-

nimo, então novidade nas farmácias brasileiras. E xarope ficou sendo o Ishimura, para efeitos também de hotelaria paraguaia.

Ao tempo em que era cinegrafista de TV, coube certa vez ao Wakamoto cobrir uma exibição da esquadilha da fumaça. Como os colegas ali reunidos, registrou o ir e vir, as piruetas, os flatos fumarentos dos aviõezinhos. Ao contrário dos demais, porém, não gastou todo o filme – reservou uns tantos pés, com um mau agouro que horrorizou os companheiros:

– Vai que um desses cai...

E arregalou em direção ao céu os olhos amendoados – até que um dos aparelhos, desgarrando-se do grupo, entrou em cur-

va descendente.

– É agora! – anunciou o Wakamoto, assistando a câmera para fazer o único registro de uma tragédia que, no fim do ano, lhe valeria um disputado prêmio jornalístico.

Em matéria de faro para o azar, no entanto, o Wakamoto nem de longe poderia rivalizar com aquele outro fotógrafo, cujo nome convém silenciar.

Com esse camarada – vamos chamá-lo de Toc-Toc, em alusão às batidas na madeira com que em geral era recebido onde houvesse chegado sua reputação de azarento – topou um dia um colega, o Ênio, na saída do banco. De bermudas, ele que parecia ter nascido de paletó e

gravata, o repórter tinha passado ali para sacar o dinheiro da viagem de férias. Ao dar de cara com o Toc-Toc, fez que não o viu – mas lá veio o abutre da objetiva. Veio e, como todo chato, ficou. De nada adiantou o Ênio despedir-se dele ao cabo de duas ou três frases, alegando urgências da viagem. Só na quadra seguinte conseguiu desvencilhar-se do abantesma. Na esquina, despediu-se às pressas – e já ia pondo os pés na rua quando o camarada, a suas costas, chamou:

– Ênio! Boas férias!

– Obrigado – pôde ainda dizer o jornalista, girando a cabeça para agradecer, cortesia que lhe custou cair numa boca-de-lobo, a qual, ao lhe proporcionar uma fratura exposta, tragou também o que poderiam ter sido para o Ênio as primeiras férias em muitos anos.

Aquele outro não fazia mal a ninguém – a não ser, quem sabe, quando, à noite, a caminho de uma reportagem, via casais embicarem o carro na entrada de algum motel. Com a divertida malignidade que tempera seu especialíssimo senso de humor, o fotógrafo, nessas ocasiões, pendurado numa janela do carro do jornal, disparava o flash, qual paparazzo ante celebridades, ou detetive particular à cata de flagrante de adultério. O sabotador de

amores furtivos nunca ficou para ver o desfecho da molecagem, porém se regalava ao imaginar súbitos esmorecimentos funcionais que nem o mais potente comprimido azul, nos dias de hoje, daria conta de reverter.

Não esqueçamos, por fim, outro profissional das lentes, esse miúdo, feioso e atarracado, machista ao ponto de o chamarem, na redação, de “reprodutor”. Pois lá estava um dia a criatura no aeroporto, em companhia de uma repórter com quem ia viajar. Ora, sucede que naqueles começos de anos 70, o auge da repressão, ninguém embarcava sem que sua bagagem de mão fosse minuciosamente fuçada por policiais. O fotógrafo, que era também galante, tinha se oferecido para carregar a sacola da colega. Quando deu por si, já estava junto à bancada onde as bagagens eram inspecionadas. E eis que o policial, metendo a mão na bolsa, de lá extraiu um sutiã, peça que teve a maldade de erguer bem alto, ao mesmo tempo em que piscava para o fotógrafo e lhe dizia, para todos ouvirem:

– Boa viagem, boneca!

Em matéria de apelido, resignou-se o moço, melhor ficar com “reprodutor”.

Pe. Marcelo abre no dia 2 maior igreja católica de SP

Com projeto de Ruy Ohtake, santuário do sacerdote pop foi erguido em Santo Amaro

Adriana Ferraz
Edison Veiga

Oito anos e várias promessas de inauguração depois, será aberto em 2 de novembro, com a missa de Finados, o megatemplo do famoso padre Marcelo Rossi, na região de Santo Amaro, zona sul. “Será um novo cartão-postal de São Paulo”, entusiasma-se o sacerdote. “Uma construção para durar 700 anos.” Com capacidade para 20 mil pessoas – e mais até 80 mil na área externa –, será a maior igreja católica de São Paulo.

Para a missa de inauguração, às 11h do dia 2, estão confirmadas as presenças dos cantores Alexandre Pires e Agnaldo Rayol. Batizado de Santuário Theotokos – Mãe de Deus, a igreja foi construída em um terreno de 30 mil m² na Avenida Interlagos. Antes, o local abrigava uma indústria de cervejas.

Trata-se do quarto endereço das badaladas missas do

sacerdote mais pop do Brasil. Nos outros locais, sempre galpões alugados na região de Santo Amaro, ele enfrentou uma série de problemas com vizinhos, incomodados com o barulho dos eventos religiosos e o grande número de peregrinos católicos.

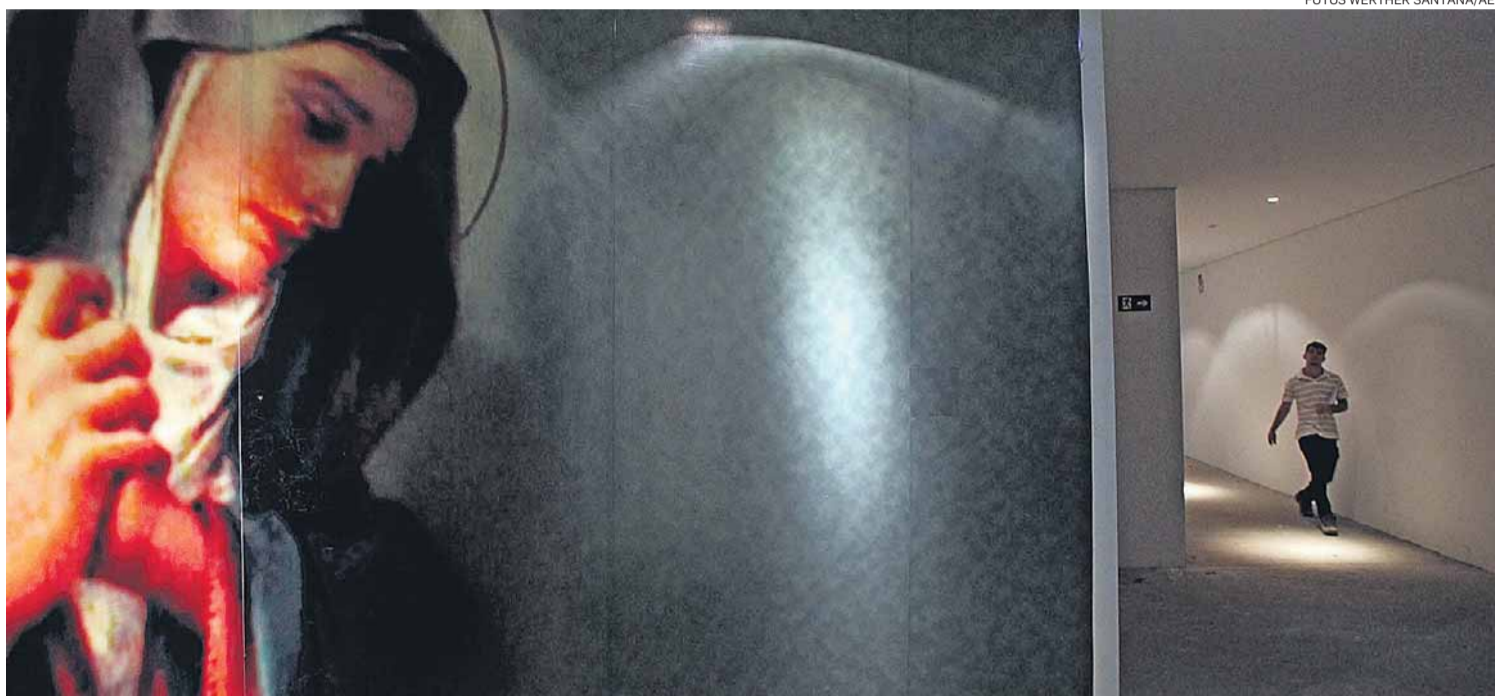
O terreno definitivo foi comprado em julho de 2004. “Custou R\$ 6 milhões”, conta padre Marcelo, ressaltando que pagou mais da metade e o restante foi doado pelo empresário Antônio Ermírio de Moraes. Depois disso, toda a renda obtida com a venda de seus produtos é revertida à construção da igreja.

Ainda em 2004 surgiu um parceiro de renome. “O arquiteto Ruy Ohtake doou o projeto”, conta o padre. “Como católico, quero o bem da humanidade”, comenta o arquiteto. “Quando elaborei o projeto, desenhei o espaço procurando reflexão e meditação.”

O que seria um presente acabou se revelando um p r o b l e m a .



PEDRO CARRILHO



Santuário Theotokos – Mãe de Deus. Detalhe do altar do templo, que pode receber 20 mil fiéis e mais 80 mil na área externa

ONDE FICA



Local nº 3.823

INFOGRÁFICO/AE

“Com o projeto cheio de curvas, tudo passou a custar dez vezes mais”, diz o padre. Ele não revela, de jeito nenhum, o valor gasto nas obras. De acordo com suas contas, o templo terá capacidade para 100 mil pessoas. “Será o maior do mundo”, exagera – na Basílica de São Pedro, no Vaticano, cabem 60 mil fiéis apenas na área interna. Ohtake é mais comedido: diz que a igreja comportará em torno de 20 mil pessoas, mais 60 mil no pátio descoberto.

A maquete foi apresentada em dezembro de 2004. No projeto,

uma cruz de 44 metros de altura que pode ser vista a 1 km de distância. Tudo em estilo moderno contemporâneo, bem longe da estética tradicional dos templos do catolicismo. Graças às curvas, o pé-direito varia de 6 a 25 metros. A marca principal é o altar, de 5 metros. Outro ponto nobre: uma cripta, sob o altar, onde serão guardados restos mortais de padres e bispos da Diocese de Santo Amaro.

Foram muitas as promessas de inauguração: novembro de 2005, maio de 2006, Natal de 2006, julho de 2007 e... “Será em algum agosto. O de Deus”, passou a esquivar-se, de quatro anos para cá.

Ao Estado, o padre contou que dinheiro foi o principal problema. “Em 2009, em um almoço, d. Fernando (Figueiredo, bispo de Santo Amaro) disse que nem com décadas de venda de CDs conseguiríamos pagar o Santuário”, relata. “Fiquei muito chateado.” Mas o padre foi salvo por um best-seller. Lançado em 2010, o livro *Ágape* vendeu 8,2 milhões de cópias. E trouxe na estei-



Estilo moderno. Um dos principais marcos é a cruz de 44 metros de altura que pode ser vista a 1 km de distância

ra outros sucessos: o CD *Ágape* (1,9 milhões de cópias vendidas), o livro infantil *Agapinho* (600 mil), o DVD *Ágape Amor Divino* (302 mil) e o CD de mesmo nome (283 mil). “Isso tudo viabilizou nossa obra”, conta.

Considerado um polo gerador de tráfego por reunir mais de 500 pessoas, o santuário teve de cumprir uma lista de exigências da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) para reduzir impactos no trânsito. Mas o pacote de obras viárias não tem alcance para evitar longas congestionações

em dias de maior movimento. O órgão solicitou apenas instalação de semáforos, placas de sinalização, câmera de monitoramento e guias rebaixadas, entre outras medidas paliativas.

Erguida em uma das vias mais congestionadas da cidade, a igreja tem acesso pelo corredor norte-sul ou pela Marginal do Pinheiros. Segundo os responsáveis pela obra, a maior parte dos fiéis usa fretados ou transporte público. Nesse caso, a preocupação recai sobre o tamanho do estacionamento para ônibus.

Evangélicos fazem megatemplos nas zonas leste e central

A nova igreja do padre Marcelo Rossi não é o primeiro megapreendimento religioso de São Paulo. A cidade já tem outras sedes gigantes, especialmente evangélicas, como a da Igreja Deus é Amor, na região central, com capacidade para receber mais de 60 mil pessoas – metade sentada. Nos próximos dois anos, a cidade vai ganhar outros

dois templos semelhantes, ambos na zona leste.

Com 30% das obras concluídas, o Templo de Salomão será o maior endereço da Igreja Universal em São Paulo. Projetado para receber 10 mil pessoas sentadas, está em construção na Avenida Celso Garcia. Idealizado pelo seu fundador, Edir Macedo, o prédio pretende ser uma réplica

do templo original, citado na Bíblia. Orçado em R\$ 360 milhões, terá cerca de 55 metros de altura, o equivalente a uma torre de 18 andares.

Perto dali, a Assembleia de Deus ergue um verdadeiro ginásio para abrigar seus fiéis. Com acesso pela Radial Leste, também terá capacidade para acomodar 10 mil pessoas sentadas e

vai oferecer mil vagas de estacionamento. A fachada em pele de vidro promete ser o destaque do projeto, que deve ainda servir para a realização de convenções estaduais.

Compensação. Assim como o Santuário Mãe de Deus, as megaconstruções em andamento na cidade também terão de cum-

prir exigências da CET para poder abrir as portas. Tanto a da Universal quanto a da Assembleia já têm as medidas previstas para reduzir o trânsito. O pacote não sai do básico: novos semáforos, placas e guias rebaixadas. Segundo a lei dos polos geradores de tráfego, a conclusão dessas obras libera o processo de regularização dos templos. /A.F. e E.V.



Templo de Salomão. Obra é erguida na Av. Celso Garcia



“Com a TeleHelp me sinto mais segura e independente dentro da minha própria casa.”

Lolita Rodrigues

TeleHelp é um sistema que avisa os seus parentes em caso de queda ou emergência, ao simples toque de um botão. Mais segurança para você e tranquilidade para a sua família.



(11) 3585-2000 telehelp
www.telehelp.com.br Sempre com você

FAAP
/ transforma

Processo Seletivo 2013
inscrições abertas
prova: 11/novembro
www.faap.br

f /naFAAP @naFAAP

Kalunga
.com